

— Não feche os olhos, mantenha-os abertos! — A voz continuava firme. A pequena Qinglin estava quase chorando. Ela não entendia o que seu salvador queria, mas, segurando o medo, abriu os olhos bem pouquinho, tremendo. — Você odeia ele? — Xiao Bai não se importou com o quanto ela abriu os olhos, desde que estivesse olhando. Qinglin balançou a cabecinha com força. Ela não ousava odiar. A mãe, enquanto viva, sempre lhe ensinara a ser paciente, a ceder — só assim sobreviveria neste lugar. E foi o que ela sempre fizera: aceitara pancadas e xingamentos. No começo, ainda implorava por misericórdia, mas logo parou. Quanto mais pedia, mais parecia que os outros se divertiam, prolongando a surra. — Quer matá-lo? Dessa vez, a voz de Xiao Bai foi suave, mas Qinglin sentiu um frio na espinha. Matar? Jamais pensara nisso. Sem querer, olhou para o homem caído. Seus olhos suplicavam — uma expressão que Qinglin conhecia bem. Era o mesmo olhar que ela mesma usava ao ser espancada, ao buscar ajuda nos espectadores. Mas ninguém jamais a ajudara. Sabia o quão desesperador era. Mordendo os lábios, Qinglin não sabia o que sentia. Ódio? Compaixão? Não tinha certeza. Aos onze anos, ninguém lhe ensinara como reagir. A mãe só falara em aguentar. — Qinglin não sabe... mas Qinglin não quer matar ninguém! — Foi a primeira vez que a menina gritou o que realmente pensava para alguém que não a mãe. Nem sabia de onde veio a coragem. Assim que terminou, sentiu medo. Nervosa, olhou de soslaio para o jovem de roupas negras. — Tudo bem. Então não matamos. — Xiao Bai sorriu e acenou com a cabeça. Aquele homem não importava. Ele só queria que a pobre menina deixasse de tremer como uma folha no vento. — Some daqui! O homem sentiu como se um martelo lhe atingisse o peito. Caiu para trás, cuspidando sangue, mas nem ligou. Mal conseguindo respirar, ajoelhou-se e bateu a cabeça no chão: — Obrigado, nobre senhor! Obrigado! — Depois, saiu cambaleando. Xiao Bai olhou ao redor e se dirigiu a uns degraus de pedra. Sem se importar com a poeira, sentou-se e acenou para Qinglin, indicando o lugar ao seu lado. A menina entendeu. Aquele era o primeiro homem que a ajudara quando apanhou. O medo diminuiu um pouco, e ela se aproximou, dando passinhos curtos. — Senta aqui. Não fica aí parada. Qinglin obedeceu, sentando-se ao lado dele. Xiao Bai observou a garotinha vestida de forma simples: um vestido verde cheio de remendos, mas costurados com cuidado. Alguém se esforçara bastante. — O que é isso que você segurava tão firme, mesmo apanhando? — Ele notou que ela ainda abraçava um saco de papel. — Pãezinhos... — Qinglin baixou a cabeça, respondendo quase num sussurro. O saco estava empoeirado, mas ela o apertava contra o peito. Claramente, aqueles pães significavam muito. Xiao Bai suspirou internamente. A menina era mestiça — metade humana, metade serpente. Normalmente, esses híbridos não sobreviviam além dos dois anos, mas Qinglin era uma exceção. Com onze anos, era vista como uma maldição. Nessa região de fronteira, onde humanos e seres-serpente se odiavam, ela sofria preconceito de ambos os lados. No fundo, era só uma criança inocente. — Pode me dar um pãozinho? — Xiao Bai sorriu. Como ela não reagiu, ele brincou: — Quer guardar tudo para você? Qinglin ficou aflita, temendo que ele a mal-entendesse. Balançou a cabeça, tímida: — Está... sujo. — Não importa. O exterior pode estar empoeirado, mas o que vale é o interior. — Suas palavras tinham um significado mais profundo. A menina ficou confusa, como se entendesse, mas não totalmente. Mesmo assim, abriu o saco com cuidado. Dos três pães, escolheu o mais limpo e o estendeu para ele, envergonhada. Se tivesse dinheiro, compraria pães frescos para aquele homem gentil. Depois, olhou para Haibodong. Hesitante, pegou outro pão, o menos empoeirado dos dois restantes, e o ofereceu: — Vovô... quer um? Haibodong olhou para a menina — tão esperançosa, mas tão tímida. Não entendia o que Xiao Bai estava tramando e lançou-lhe um olhar interrogativo. Xiao Bai fingiu não perceber, limpando a poeira do pão. Pensou consigo mesmo: [Uma chance de bondade entregue nas mãos. Vamos ver se o velho é capaz de aproveitá-la.] No fim, Haibodong pegou o pão e sentou-se nos degraus. Se fosse uma criança qualquer, ignoraria, mas Xiao Bai claramente tratava Qinglin de modo especial. Decidiu seguir o exemplo. Os três ficaram ali, comendo na calçada, ignorando os olhares dos passantes. Xiao Bai e Haibodong não ligavam. Qinglin mantinha a cabeça baixa, evitando encarar as pessoas. Hoje estava feliz. Pela primeira vez desde que a mãe partira, alguém não a rejeitara e comera com ela. Os pães estavam cheios de areia, mas, naquele dia, pareciam deliciosos. Mesmo sabendo que ficaria sem comida por dois dias, não se importou. Os dois homens ao seu lado haviam comido suas reservas, mas valera a pena. Xiao Bai percebeu que a

menina estava um pouco mais à vontade e sorriu por dentro.— Vamos. Você me deu pães, agora eu te convido para comer. Que tal? — Ele olhou para a garota.Qinglin balançou a cabeça. Sabia que aquele homem era bom — o melhor que já encontrara. Mas não podia aceitar.Seus pães eram valiosos para ela, mas, para ele, não passavam de algo insignificante. O fato de ele não os desprezar já era mais do que esperava. Não ousava pedir mais.Além disso, o coração de Qinglin estava um pouco preocupado. — Esse senhor bondoso deve ter chegado recentemente à Cidade de Shimo e ainda não sabe quem eu sou. Quando descobrir, será que vai me rejeitar como os outros? Ela segurava firmemente as mangas das roupas, com medo de que ele visse as escamas em seus braços. O medo de receber um olhar de desprezo daquele jovem cavaleiro a deixava ansiosa. Se isso acontecesse, ela ficaria muito triste. Xiao Bai observou o olhar tenso da garota e as mangas que ela apertava desde que se sentara. — Posso ver suas escamas? — perguntou ele, com voz suave. Qinglin ficou pálida num instante, seus olhos arregalados de medo. Ela recuou dois passos, distanciando-se dele, e se agachou no chão, abraçando os joelhos e enterrando o rosto. Seu corpinho tremia incontrolavelmente. — D-desculpe... Eu não quis enganar o senhor! — disse ela, com voz embargada, culpando-se por ter sido descuidada. Em seu coração, ela imaginou que ele logo a olharia com aquela expressão de nojo, e uma sensação de desespero tomou conta dela. Xiao Bai ficou um tanto irritado pela extrema sensibilidade da garota, mas, ao ver seu medo, soltou um suspiro e se ajoelhou diante dela, gentilmente acariciando sua cabeça. — Não tenha medo. Deixe eu ver, certo? — disse ele, em voz baixa. Qinglin ergueu o rosto, dividida entre esperança e medo. Ao perceber a suavidade em seus olhos, respirou aliviada. Ele não a rejeitara! Quando ele segurou sua mão, ela não resistiu. Xiao Bai ergueu cuidadosamente a manga, já amassada de tanto ela a apertar, revelando um tom esverdeado. No pulso branco como neve de Qinglin, havia pequenas escamas de cobra. Ele as tocou, sentindo a textura peculiar. — Que escamas lindas! Qinglin ficou atônita. Era a primeira vez que alguém elogiava as escamas que ela tanto odiava e temia. Seu coração, tão jovem e já tão marcado pela dor, começou a sentir algo diferente. Seus olhos brilharam como água cristalina. Enquanto admirava as escamas, Xiao Bai notou algo estranho em sua própria alma. Seguindo a sensação, ele encontrou os olhos da garota. Seus olhos eram levemente verdes, com três pequenos pontos esmeralda escondidos nas profundezas das pupilas, brilhando sutilmente. Xiao Bai reconheceu imediatamente: era a "Pupila Tripla de Jade". Embora não sentisse qualquer confusão mental, percebeu algo tocando sua alma, como um puxão fraco em suas vestes. Fraco demais para causar qualquer dano. Assim que seu interesse aumentou e ele se preparou para investigar aqueles olhos conhecidos como os melhores do Continente Dou Qi, os três pontos desapareceram lentamente, e a estranha sensação na alma se dissipou. Xiao Bai não se importou. Aqueles olhos ainda eram muito frágeis. Insistir poderia machucar Qinglin. Melhor esperar até que ela ficasse mais forte. Afinal, tempo era algo que ele tinha de sobra. — O senhor... não tem medo? — perguntou Qinglin em voz baixa, tímida. — As pessoas dizem que eu sou uma maldição... Todos que viam suas escamas ficavam repelidos, alguns até com medo, chamando-a de agourenta. Por medo de que a "maldição" se transferisse para eles, evitavam matá-la, mas não hesitavam em espancá-la. Xiao Bai resistiu ao impulso de revirar os olhos. Um mundo de fantasia como aquele e ainda assim acreditavam em superstições? Qinglin sobrevivera provavelmente por sorte ou por sua constituição especial — não havia maldição nenhuma ali. Ele ainda se lembrava da história original: o Continente Dou Qi não tinha nada a ver com magias amaldiçoadas. Esse tipo de poder era avançado demais, envolvendo até mesmo leis de causalidade e destino — coisas que um plano inferior como aquele jamais teria! — Você está perguntando se tenho medo das escamas ou da tal maldição? — perguntou ele, rindo. — Se for das escamas, nem temo bestas cobras, quem dirá essas aqui. Quanto à maldição, ignore esses ignorantes! Ele afagou sua cabeça, rindo da bobagem. — Já pensou em sair daqui? — perguntou ele, agora mais sério, observando a garota relaxar um pouco. — Sair... para onde? — Ela parecia perdida. Em sua mente infantil, aquele lugar era tudo que ela conhecia. Ouvira falar que para ir a outros lugares era preciso cruzar o deserto — algo impossível para alguém tão frágil como ela. Por mais que sofresse, nunca considerara partir. — Que tal vir comigo? Tem medo? — N-não! — ela balançou a cabeça, mas logo baixou o olhar, envergonhada, torcendo os dedos. — Mas... Qinglin não

sabe fazer nada... só limpar, lavar roupas e cozinhar... Xiao Bai sorriu, olhando para aquela pequena criatura adorável. — Já é o suficiente! — disse ele, sério. — Veja, eu não sei fazer nada disso. Você já é muito mais capaz que eu. Seria uma grande ajuda. — Sério?! — Seus olhos se iluminaram com esperança. — Sério. A partir de hoje, você será minha pequena criada, Qinglin. A única. Que tal? — Ele beliscou sua bochecha gentilmente. — Sim! — Ela assentiu com força, seus olhos se estreitando em sorrisos enquanto sentia aquele gesto carinhoso. Ao lado, Hai Bodong observava sem entender por que Xiao Bai estava sendo tão gentil com uma garota que mal conhecia. Com seu talento e poder, ele poderia facilmente arranjar uma criada — até mesmo uma das herdeiras do Clã Miter teria aceitado de bom grado. Mas ele escolhera justamente aquela menininha insignificante? Se Xiao Bai soubesse o que ele pensava, teria cuspidido de indignação. — Quem no Clã Miter poderia se comparar a ela? Aquela garota era uma Domadora de Bestas nata, ainda que limitada a serpentes. E ela carregava consigo um espaço dimensional próprio! A "Pupila Tripla de Jade" tinha um domínio interno onde podia aprisionar bestas. Além disso, sua constituição era incrivelmente poderosa, permitindo que ela absorvesse a energia das bestas para impulsionar seu próprio cultivo. Ela era, sem dúvida, um tesouro! Isso deixou Xiao Bai morrendo de inveja. Como ele queria um espaço daqueles! — Não é nem pra aumentar meu poder — pensou, esfregando as mãos animado — imagina na hora da briga? Enquanto os outros se arrastam sozinhos, eu soltaria todos os meus bichos pra dar uma surra no inimigo! Já se via numa cadeira confortável, tomando chá com ar despreocupado, enquanto os adversários apanhavam de seus animais de estimação. — Isso sim que é vida boa! — murmurou sorrindo, imaginando a cena deliciosa.